

Reviver o Passado em Roissy: Sobre o Masoquismo Feminino

ISABEL PEREIRA LEAL (*)

«Ai, que longa é esta vida
Que duros estes destellos
Este cárcere, estes ferros
Em que a alma está metida!
Só de esperar a saída
Sofro tão incrivelmente
Que morro porque não morro.»
Santa Teresa D'Avila

1. *Deixem-me que vos apresente Roissy*

Nos arredores de Paris, uma bela avenida de plátanos. Mais ou menos a meio um palacete semi-escondido por um jardim. Como os palacetes de Saint Germain.

Num táxi parado à porta um homem, René e uma mulher *O*.

«Ouve – diz-lhe ele. Agora, estás pronta. Deixo-te, vais descer e bater à porta. Seguirás quem a abrir e farás o que te disserem. Se não entrares imediatamente obrigar-te-ão. Se não obedeceres farão com que obedças. A tua bolsa? Não, já não vais precisar dela.

Serás apenas a rapariga que eu forneço, sim, sim, eu estarei lá. Vai! Amo-te.»

É mais ou menos assim que começa um romance dos anos 50 chamado a *História de O*. Foi por qualquer razão *best-seller* e mereceu como

comentário introdutório na sua apresentação esta frase espantosa de Jean Paulhan: «A História de *O*, é a mais feroz carta de amor que um homem jamais recebeu.»

(Perceberão porquê.)

O enredo é simples como convém.

O ama René.

O contrariamente a René não tem história, pai, mãe, recordações, memórias.

O ama René, e porque o ama é dele, e porque é dele deve provar que o ama.

Para *O* não faz sentido angústias do género das que são expressas pelo jovem Freud quando escrevia à sua namorada «A única coisa que me faz sofrer é a impossibilidade de te provar o meu amor».

O pode provar o seu amor. Pode, ser escrava do seu amado e seu amante.

Deseja ser escrava e vai fazer esse aprendizado de escravidão de amor para Roissy.

Um lugar curioso.

Em que lhe dizem pouco depois da sua chegada.

(Eis o discurso que a seguir fizeram a *O*).

«Você está aqui à disposição dos seus senhores. Durante o dia desempenhará uma tarefa qualquer, que lhe seja designada, referente à arrumação da casa, como espanar, arrumar livros, distribuir flores nas jarras, servir à mesa. Não são tarefas difíceis. Mas abandonará tudo o que estiver a fazer para atender à chamada daquele que a desejar, porque o seu único serviço é o de se lhe entregar. As suas mãos não lhe per-

(*) Professora Auxiliar, ISPA.

tencem, nem os seus seios, nem particularmente nenhum dos orifícios do seu corpo, que podemos apalpar e nos quais poderemos penetrar à vontade.

Durante o dia ficará assim vestida mas levantará a saia se lhe derem ordem para tal, podendo ser usada por quem quiser, de rosto descoberto – e como esse alguém quiser – com a excepção do chicote que só lhe será aplicado entre o pôr e o nascer do sol.

A propósito, é conveniente que se acostume a receber o chicote, e enquanto cá estiver todos os dias será chicoteada, não tanto para nosso prazer mas mais para sua instrução.

E isto é tão verdadeiro que nas noites em que ninguém precisar de si deve esperar que o criado encarregado dessa tarefa vá à solidão da sua cela aplicar-lhe o que deverá receber e que não tivemos vontade de lhe dar.

Trata-se, com efeito, por este meio, tal como a corrente que, fixada ao anel do seu colar, a manterá mais ou menos ligada estreitamente à sua cama diversas horas por dia, muito menos de fazê-la sentir uma dor, gritar ou derramar lágrimas, que, de fazê-la sentir por meio dessa dor, que está a ser constrangida, aprendendo que está inteiramente votada a alguma coisa fora da sua vontade.»

2. *A História de O é (não tenho nenhuma razão para o não crer) uma história de amor*

De amor-paixão que condensa todos os sentidos e que por uma fracção de tempo transcende a inexorabilidade do destino e da morte.

Mas, é também um testemunho possível (e já agora, adequado para esta circunstância) de um caso de masoquismo.

Chamou-se masoquismo feminino (Freud, *Problema Económico do Masoquismo*, 1924) a uma entidade relativamente híbrida entre, um masoquismo erógeno – em que a função de um prazer sexual estaria directamente ligada a um sofrimento físico previamente infringido e um masoquismo moral que consistiria basicamente na complacência perante punições, castigos e insucesso ainda que retroagindo fruições sobre a forma de ganhos secundários.

Este masoquismo feminino seria assim uma figura de limbo entre a dor e a humilhação, relacionado directamente com a passividade, fantasias masturbatórias, aspectos referidos a uma

culpabilidade inconsciente expiada por procedimentos penosos e atormentadores (à boa maneira dos santos mártires medievais) que gastou páginas de tinta a personagens históricos do movimento psicanalítico como Helen Deutch (1930, *Significação do masoquismo na vida mental feminina*) e Maria Bonaparte (*A sexualidade da mulher*, 1951).

Concluiu-se marginalmente a estas autoras, de que prefiro não falar, que a questão do masoquismo feminino talvez não fosse afinal nem feminino nem central na problemática da sexualidade feminina, mas antes, como diria Nacht uma forma como «a culpabilidade e a necessidade de punição pelas reacções auto punitivas vem ampliar e alimentar o masoquismo na mulher tal como no homem» (1965).

Concluiria eu, que esta designação não acrescenta nada a coisa nenhuma, que não faz falta, não é necessária, nunca existiu e como tal pode ir para o alçapão da história.

A história de *O*, continua entretanto... René, o seu amante, pede-lhe autorização para a dar a um seu irmão mais velho, Sir Stephen. *O* acede. Apaixona-se irremediavelmente por esta nova figura que passa a ser o seu novo dono.

Continua em Roissy e sai de Roissy agora com Sir Stephen sentindo que: «À força de ser ultrajada parece que se habituara aos ultrajes, à força de ser acariciada, às carícias, ao chicote à força de ser chicoteada.

Uma espantosa associação da dor e de volúpia deveria lançá-la pouco a pouco para insensíveis margens próximas do sono ou do sonambulismo. Mas pelo contrário.

Estava como que iluminada por dentro e via-se no seu andar a calma, no seu rosto, a serenidade e o imperceptível sorriso interior que mais se adivinha do que se vê nos olhos das reclusas.»

Como se a arte da catástrofe ou da hecatombe tranquilizasse.

3. *Com O passa-se aquilo que caracteriza o masoquismo enquanto figura da perversão*

- A procura mais manifesta que complacente de uma humilhação que, de facto, recobre uma atitude profunda de orgulho e de desprezo em relação ao outro. (*O* troca de dono e de amor tão facilmente) dando razão a Theodore Reik quando este afirmava «o masoquista é guiado pelo or-

gulho e pelo desafio de Prometeu, mesmo quando pretende apresentar-se como Garimedes» (1953).

- A afirmação ostensiva de uma renúncia total a toda a vontade própria que afirma basicamente a situação marginal, em relação à problemática da castração e portanto do Édipo.

- A ausência de masoquismo moral, considerado como a expressão final do movimento masóquico que atinge a possibilidade de mentalização.

E finalmente a questão mais surpreendente, a estranha (digo eu) capacidade de conexão entre sofrimento físico e prazer sexual.

Ferenczi, numa perspectiva dir-se-ia teleológica, concebia o orgasmo como um pára-raios que permitia capturar, ab-reagir as tensões e tornar o organismo disponível para as tarefas de conservação.

Mas este dispositivo contém duplicidades, a qual a maior será talvez o facto de o prazer orgástico ser proporcional ao desvio entre o nível máximo de tensão e distensão.

Isto supõe que se alimente, que se armazene uma excitação, que, sem futuro, seria desprazer, mal-estar, em proveito da sua resolução.

Dizendo de outro modo com Freud:

«O sentimento de felicidade aquando da satisfação de um movimento pulsional indomado do Eu é incomparavelmente mais intenso do que a saciedade proporcionada por uma pulsão domesticada. A irresistibilidade de impulsos perversos, talvez a atracção do proibido em geral, encontra aqui uma explicação económica» (1930).

Temos assim que, aquilo que é especificamente erótico, é feito da ultrapassagem fruitiva de uma dificuldade orgânica que buscámos para nós próprios (Ferenczi, 1945) permitindo pensar como M'Uzan que quanto maior é a força do instinto sexual mais ele tende inexoravelmente para a descarga total, isto é, para um mecanismo que curte-circuita o próprio aparelho psíquico.

Por outro lado, este excesso de quantidade, por pouco que esteja associado a uma carência objectal, ameaça as capacidades de integração mental implicando no caso do masoquismo uma recusa que dá conta simultaneamente de um reconhecimento e de uma destruição do sentido, pelo corte da cadeia associativa.

Uma recusa que faz parte daquilo que Bion

designou como Infra k (antes de uma experiência afectiva poder ser utilizada como modelo, os seus dados sensoriais têm de ser transformados em elementos «alfa» que serão armazenados e tornados disponíveis para a abstracção. No infra k, o sentido é retirado, deixando a representação a nú).

Assim a conexão das excitações somáticas com as representações mantém-se precária. As próprias representações são pobres e incapazes de se organizarem sob a forma de um cenário fantasmático, possibilitando entretanto a criação de uma encenação em que a dor e a tensão podem ser reconhecidas, contra-vestidas e reconhecidas de novo numa sequência de tempo, de modulações rítmicas adequadas ao reconhecimento da experiência como sexual e donde pode emergir prazer.

É basicamente uma forma de recuperar do exterior o que foi perdido interiormente, através de uma ilusão que controla e delimita, como diria Joyce McDougall.

O infra k, que atinge a diferença sexual e a cena primitiva, na estrutura perversa pode reduzir a «máquina de influenciar» da sexualidade psicótica a um chicote.

Talvez seja uma psicose em miniatura mas serve para proteger a integridade psíquica do sujeito, protegendo ao mesmo tempo os seus objectos.

Pode não ser o melhor do mundo mas não é seguramente pior que infligir torturas anónimas e imerecidas e, às vezes, como no caso de *O* até reveste formas poéticas e remanescentes dos dizeres de Heloísa ao seu Abelardo: «Deixa-me ser a tua flor de prazer.»

BIBLIOGRAFIA

- Aulagnier-Spairani, P. (1967). Observações sobre a feminilidade e seus avatares. In *O Desejo e a Perversão*. Lisboa: Moraes Editores.
- Ávila, Santa Teresa de (1988). *Seta de Fogo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Bion, W. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann.
- Freud, S. (1924). Problema económico do masoquismo. In *Obras Completas, Ed. Standard Brasileira*, Rio de Janeiro: Imago Editores.

- Freud, S. (1930). Mau-estar na civilização. In *Obras Completas, Ed. Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Editores
- McDougall, J. (1978). *Playdoer pour une certaine anormalité*. Paris: Editions Gallimard.
- M'Uzan, M. (1972). Um caso de masoquismo perverso. Esboço de uma teoria. In *Estudos Psicanalíticos – Sexualidade Perversa*. Lisboa: Editorial Vega.
- Nacht, S. (1965). *Le Masochisme*. Paris: Payot.
- Réage, P. (1976). *História de O*. Lisboa: Edições Sérgio Guimarães.

RESUMO

A partir de um clássico da literatura erótica *A*

História de O introduz-se a problemática do masoquismo.

Discute-se o interesse do conceito de masoquismo feminino, passando depois à explicitação do masoquismo enquanto figura de perversão e à conexão entre o sofrimento físico e o prazer sexual.

ABSTRACT

Starting from a fundamental classic piece of erotic literature *Histoire de O*, we can conceptualize the issues of masochisme.

The interests of the female masochisme is discussed, following by the approach of the masochisme as a perversion and the connection between physical and sexual pleasure.